

A partir de 1860, a Ethnological Society de Londres admitiu a entrada de «senhoras» nas suas reuniões científicas («*ladies be admitted as visitors*»¹), em grande medida para aumentar a afluência de público, dado que a Sociedade se encontrava por esses dias financeiramente em maus lençóis. Em resposta a esta decisão, um dos seus membros mais influentes, James Hunt, demitiu-se. Fundou em alternativa a Anthropological Society, onde as «*ladies*» podiam contribuir com dinheiro, mas nunca participar nos encontros.

Depois de muitos dares e tomares entre as duas sociedades, Thomas Henry Huxley assumiu a presidência da primeira e tratou de amalgamá-la com a segunda. Uma das primeiras decisões desta Ethnological Society renovada foi restringir a entrada de «*ladies*», dividindo as

¹ «as senhoras serão admitidas como visitantes».

reuniões em «*Ordinary Meetings*» só para membros (ou seja, só para homens), onde se tratariam assuntos ofensivos para o pudor e dignidade das senhoras, e «*Special Meetings*», onde seriam discutidos assuntos mais «populares» e onde «*ladies will be admitted by special invitation*»². O primeiro «*Ordinary Meeting*», considerado portanto inadequado para senhoras, constava do relatório do botânico Joseph Dalton Hooker, amigo de Huxley e de Darwin, sobre... «*Costumes relacionados com o parto entre os nativos da Austrália e da Nova Zelândia*»!

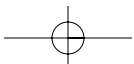
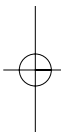
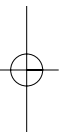
Pois é.

Todos nós estamos mais ou menos conscientes das teorias mais ou menos imaginativas que a ciência moderna produziu para provar «cientificamente» a inferioridade das mulheres, da era Vitoriana aos nossos tempos, incluindo as «medidas cerebrais» do passado e a «sociobiologia» do presente³. Mas esta preocupação em legitimar um estatuto de menoridade através de um discurso científico é uma tradição muito antiga — muito mais antiga que a invenção da palavra Ciência. O que me parece ainda mais

² «as senhoras serão admitidas por convite especial».

³ Para informação detalhada sobre os esforços dos cientistas e filósofos do século XIX para provar a inferioridade das mulheres em relação aos homens ver Cynthia Eagle Russett, *Sexual Science: the Victorian Construction of Womanhood*.

interessante é que esta obsessão não é só antiga: é verdadeiramente trans-histórica, com diferentes manifestações do mesmo tema em culturas que nunca estiveram em contacto umas com as outras, em diferentes períodos da caminhada do conhecimento. Deve existir uma necessidade filosófica muito forte de minorizar as mulheres através de postulados respeitáveis, no nosso mundo e no mundo dos outros. Neste livro gostaria de explorar alguns aspectos parcelares que ilustram esta tendência na civilização ocidental, com raízes na Antiguidade Clássica e ainda de boa saúde durante a Revolução Científica, deixando-nos um legado que poderá ser muito subtil mas que continua a permear as nossas atitudes. Havia muito por onde escolher, mas, a título de exemplo, vamos analisar quatro facetas de um nó cego tão multifacetado como o olho da mosca: o testículo esquerdo, sangue menstrual, o «hermafrodita canónico», e a Telegonia, ou Teoria das Impressões Maternas.



1 — O TESTÍCULO ESQUERDO

Esta é uma ideia que aparece já explícita desde os tempos de Moisés. Assumia-se que só um dos testículos do homem operava em cada ejaculação, uma vez que de cada parto só nascia, por regra, uma criança. Neste cenário, os gémeos seriam o resultado de um qualquer erro que presidira à ejaculação dos dois testículos, e os trigémeos, extremamente raros, resultavam da existência, também extremamente rara, de homens com três testículos⁴. Dentro da lógica deste raciocínio, os rapazes são fruto do sumo do testículo direito, e as raparigas do sumo do testículo esquerdo — isto porque, conforme os autores observam e explicam, o testículo esquerdo é o mais pequeno e o mais fraco.

⁴ Conforme explicado em *The Secrets of Nature Revealed*.